

Crime, Arte e Psicanálise : um Encontro em Paris na Década de 30

Taciana de Melo Mafra

A erudição de Lacan é uma marca no seu ensino e contém um preciosismo provocante àqueles que o acompanham e àqueles que o repudiam. Nem por isso ele se propõe a algum tipo de concessão que facilite o acesso a seu escrito ou a sua palavra. Prezava mesmo a questão do estilo como única possibilidade de inscrição da singularidade, motivo de suas primeiras reflexões.

No repertório de sua vasta cultura, além de Góngora, com quem costumavam compará-lo, estavam, também, outros autores mais consumidos, como Stevenson, Dostoiévski, Maupassant, Hoffmann e outros, estes aqui citados pela abordagem da temática do espelho, tão importante em sua obra, sobre a qual costumava citar Cocteau: “Seria bom que o espelho fosse mais reflexivo antes de nos devolver nossa própria imagem”.

Pela via da clínica, após estudar as manifestações da paranóia, vai tecendo seu afastamento do racionalismo psiquiátrico, passando pelo encontro com o surrealismo, que tem, é bom lembrar, o espelho como objeto por excelência.

É na década de 30 que esse encontro se dá em seus primórdios, quando o olhar dos parisienses mirava uma cena policial na qual uma moça de origem burguesa ocupa o lugar de ré pelo assassinato de seu pai, ao qual acusa de tê-la violentado.

Violette Nozières é a protagonista dessa novela, que encontra nos surrealistas ardorosos defensores da loucura. Sua história envolve André Breton, médico e fundador do movimento, que a ela dedica um poema com o qual num fragmento expõe sua posição: “... O senhor Nozières ...havia escolhido para sua filha um nome de cuja primeira parte pode-se deduzir psicanaliticamente seu programa.”

A guerra levava consigo o século XIX, e de seus escombros surge uma nova mentalidade encarnada por alguns iluminados que à procura de novos valores detonam os já rachados alicerces da tradicional sociedade. Chamavam-se dadaístas e horrorizaram a opinião pública.

Nascido em Zurique e batizado por seu criador Tristan Tzara com um nome que nada quer dizer, o dadaísmo dedicava-se a “realizar sempre, de maneira mais exata possível, o que passasse pela cabeça, a fim de manter o espírito numa agitação original”. O que buscavam era o fim do bom senso e do conformismo, subvertendo éticas e estéticas bem-comportadas.

Sua estação seguinte foi Paris, onde após muito barulho se autodestrói como movimento.

De suas cinzas niilistas surge o surrealismo, proponente, junto com um numeroso grupo de artistas e escritores, da superação das “condições irrisórias da existência neste mundo”.

Breton havia lido Freud, de quem era um ferrenho admirador, e situava o inconsciente no plano da atividade artística como sendo “a verdade última do sopro criador do espírito, liberado dos grilhões da razão.” Chamavam de escrita automática a aplicação da regra da associação livre no âmbito da literatura. No entanto, o contato que teve com Freud não fez deste um simpatizante, tendo o mestre vienense preferido reforçar as fronteiras que, para ele, separavam os campos do saber e da arte.

Loucura, crime, arte e psicanálise, encontro curioso que envolve, além de André Breton mais um médico interessado nesses temas: Jacques-Marie Émile Lacan, jovem psiquiatra, que em sua tese de doutorado sobre a paranoia, descrevera o caso de outra mulher compelida ao crime por motivos inconscientes.

Nascido em Paris, em 1901, no berço de uma família de origem italiana da grande burguesia tradicionalmente católica, tem o irmão mais velho como monge beneditino e ele próprio cursara os estudos secundários numa instituição religiosa: o colégio Stanislas. Mais tarde formou-se em medicina com especialização em psiquiatria, sob a tutela do Dr. Clérambault.

Participante do grupo “Évolution Psyquiatrique”, que introduziu a psicanálise na França, traduziu Freud para o francês. Erudito, apreciador das artes plásticas e apaixonado pela leitura, inicia sua produção aos 27 anos, elaborando em parceria com outros colegas alguns trabalhos científicos da clínica.

Sua amizade com os surrealistas leva-o a publicar na revista *Minotaure*, periódico do grupo, alguns trabalhos, entre eles dois que se destacaram: “O caso das irmãs Papin” e “Problemas de Estilo”. O primeiro trata do homicídio como determinado psicicamente, e o segundo reflete sobre a paranoia, fazendo uma apreciação sobre a produção literária.

Ao contrário da repulsa causada ao pai da psicanálise, em Lacan o surrealismo encontrou um curioso, e por ele muito se interessou, particularmente Salvador Dalí, que depois de ler a tese sobre a paranoia acreditou ter encontrado a base teórica para sua maneira singular de ver a realidade e produzir arte.

Também foi em 30 que, em Paris, Kojève coordenou um curso sobre Hegel, no qual estava presente a nata da intelectualidade francesa: Merleau-Ponty, Dalí, Sartre, Hippolyte, Bataille, Lévi-Strauss.

Partiu desse encontro, no qual Lacan estava atento às suas articulações para um confronto com a psicanálise, o convite que fez a Hippolyte para comentar um artigo de Freud, “A Denegação”, na abertura do seu seminário sobre os escritos técnicos de Freud.

Dessa aproximação com Hegel surge a utilização que Lacan faz de algumas figuras como, por exemplo: a dialética do senhor e do escravo, o reconhecimento, a luta à morte, o prestígio, a lei do coração, a bela alma, o saber absoluto, a astúcia da razão, a mediação etc.

Lacan preconizava que o mundo mental do humano se estrutura segundo um conhecimento tipicamente paranoico, argumentando que a subjetividade de cada um surge alienada numa dialética com o outro, o semelhante, que o condiciona e afasta de si mesmo.

Às vezes cientista, às vezes poeta, com esses instrumentos fazia do seu ensino palco para a dimensão da ambiguidade e do paradoxo. A certeza, diria, é próprio da paranoia, o que condiz com seus questionamentos durante toda a vida a propósito do conceito do ego enquanto organismo integrado, homogêneo e adequado, a partir do que recuperou um dos aspectos mais controvertidos da psicanálise: a radicalidade da função do inconsciente.

Do roteiro de uma novela cujo tema é o crime, Lacan decifra com lentes de um apaixonado pelo tratamento dado à arte para os enigmas e o rigor científico com que reúne seus conhecimentos em vários campos do saber, a letra de Freud, dando um testemunho de sua incansável busca de uma inatingível verdade.